Insights sobre a mudança do paradigma competitivo para a cooperação no ambiente corporativo – Alessandro Teixeira Neto, 03 de agosto de 2024

1. Reminiscências psicológicas de outro tempo



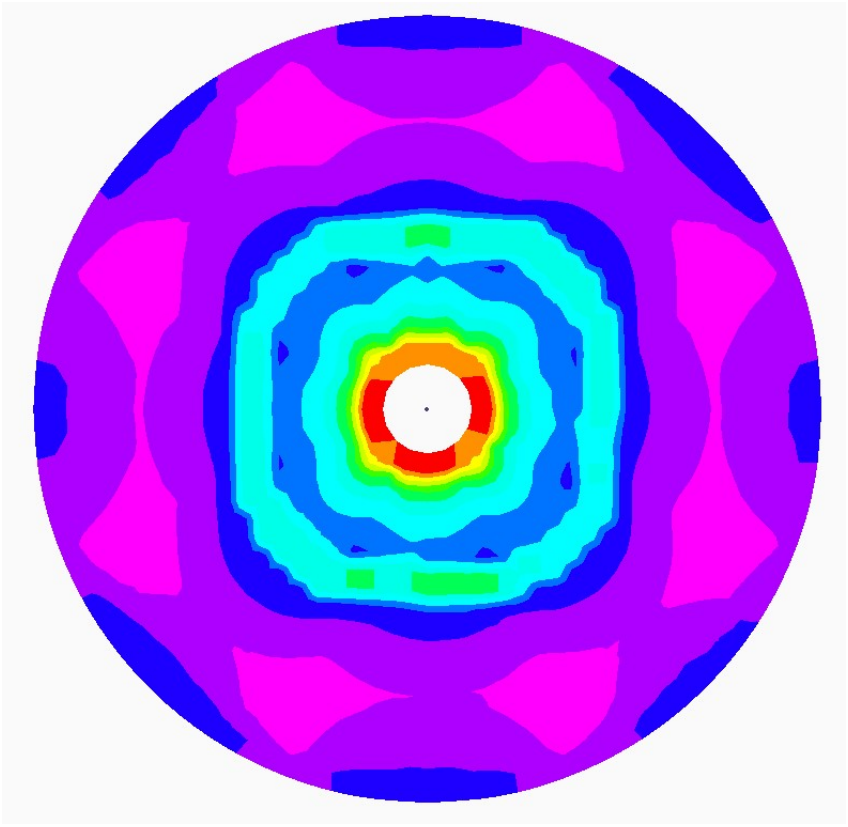
Desde os primórdios Até hoje em dia O homem ainda faz O que o macaco fazia Eu não trabalhava Eu não sabia Que o homem criava E também destruía Homem primata Capitalismo selvagem Eu aprendi A vida é um jogo Cada um por si E Deus contra todos Você vai morrer E não vai pro céu É bom aprender A vida é cruel	Homem primata Capitalismo selvagem Eu me perdi Na selva de pedra Eu me perdi Eu me perdi Homem primata Capitalismo selvagem I am a cave man, a young man I fight with my hands, with my hands I am a jungle man, a monkey man Concrete jungle, concrete jungle “Homem Primata” Canção do álbum “Cabeça Dinossauro” dos Titãs, 1986.

A competitividade do ser humano tem sua origem na pré-história, onde havia grande escassez de recursos. O homem vivia em constante alerta para não ser atacado por predadores de mesma ou de outras espécies. Ele dependia da disponibilidade de água, de frutos, da caça e da pesca para sobreviver. Os fenômenos naturais eram vistos como uma constante ameaça (tempestades, inundações, secas, frio ou calor extremos).

Era uma realidade muito precária onde prevalecia o medo. A luta pela vida levada ao extremo, onde só sobreviviam os mais fortes e os mais aptos; não havia espaço para a diversidade; ou seja, a competitividade levada às últimas consequências.

As reminiscências psicológicas dessa situação de extrema vulnerabilidade e fragilidade da vida na pré-história faz com que a competitividade esteja arraigada ao inconsciente do ser humano. Nascemos preparados para lutar e vencer; mas não sabemos por que, muita vez, nem por qual causa ou contra o que.

2. O que sentimos e o que nos passa desapercebido



O ser humano, via de regra, cria a sua percepção do universo com base nos seus cinco sentidos mais desenvolvidos (o tato, o olfato, a visão, a audição e o paladar). É verdade que temos muitos outros sentidos que nos passam desapercebidos. Exemplos são os sentidos vestibular (responsável pelo equilíbrio e pela orientação espacial) e

interoceptivo (responsável pela percepção dos estados internos do corpo, como fome, sede, dor e cansaço), que só vamos perceber quando algo não vai bem conosco.

Mesmo os nossos cinco sentidos são bastante limitados em comparação com o que se passa a nossa volta. Não podemos enxergar a luz que nos permeia se ela está no espectro infravermelho ou no espectro ultravioleta. Logo, sabemos muito pouco do que se passa ao nosso redor. Muito do que percebemos e sentimos está associado às experiências prévias e as nossas próprias construções mentais.

Essa dualidade entre consciente e inconsciente é uma das coisas mais fascinantes do ser humano. O consciente tem um papel ativo, representando o nosso ego, lidando diretamente com as nossas vontades e escolhas (livre arbítrio), os processos racionais e a interação com o mundo exterior. O inconsciente, por outro lado, tem o papel passivo; representa o nosso self, o si mesmo ou o eu-superior; responde às nossas escolhas (livre arbítrio) através dos sentimentos; trabalha com os conteúdos emocionais, é o responsável pelas nossas intuições; e a interação com o mundo interior. Nesse sentido, o inconsciente responde por todas aquelas atividades sobre as quais não colocamos o foco momentâneo da consciência; como por exemplo, é ele quem gerencia a maioria dos processos fisiológicos do corpo humano, como a respiração, a pulsação, etc.

3. Uma introdução à alquimia

O Hermetismo é uma tradição filosófica e religiosa baseada principalmente em textos pseudoepigráficos atribuídos a Hermes Trismegistus. Segundo os hermetistas, a alquimia não seria uma mera protociência, mas uma linguagem codificada por meio de símbolos que permitiriam ao iniciado "acessar uma percepção de ordem supra-histórica, na qual a natureza e o próprio homem [...] estão em um status de criação"



Gravura de "Mercurius Trismegistus" em Historia Deorum fatidicorum (1675) de Pierre Mussard, Veneza

I) A Lei do Mentalismo: “O Todo é Mente; o Universo é mental” (O Caibalion).

O Universo do qual fazemos parte funciona como um imenso pensamento divino. Ele é a mente de um Ser Superior e este “pensa” e desta forma, tudo existe. É como se o Universo e toda a matéria presente nele fossem neurônios de uma mente. Assim, sendo um Universo consciente. Dentro desta mente, todo o conhecimento flui e também reflui.

II) A Lei da Correspondência: “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora” (O Caibalion).

Esta é a lei que nos lembra que vivemos em mais que um mundo. Estamos em coordenadas do espaço físico, mas, além disso, estamos vivendo também em um mundo sem tempo e sem espaço. O princípio da Lei da Correspondência diz que aquilo que é verdadeiro no macrocosmo é consequentemente também verdadeiro no microcosmo, e vice-versa. Sendo assim, é possível aprendermos diversas verdades do cosmo somente observando as manifestações em nossas vidas.

III) A Lei da Vibração: “Nada está parado, tudo se move, tudo vibra” (O Caibalion).

O Universo está em um constante movimento vibratório e o Todo se manifesta por este princípio. E, assim, todas as coisas se movimentam e também vibram, sempre com seu próprio regime de vibração. Nada no Universo está em repouso.

IV) A Lei da Polaridade: “Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa. Os extremos se tocam. Todas as verdades são meias-verdades. Todos os paradoxos podem ser reconciliados” (O Caibalion).

Esta lei hermética mostra que a polaridade tem dualidade. Os opostos são a representação da chave de poder do sistema hermético. Além disso, nesta lei vemos que tudo é dual. Opostos são somente extremos de uma mesma coisa.

V) A Lei do Ritmo: “Tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem suas marés, tudo sobe e desce, o ritmo é a compensação” (O Caibalion).

Podemos dizer que o princípio se manifesta por meio da criação e da destruição. Os opostos estão em movimentos circulares. Tudo no Universo está em movimento, e esta realidade compõe-se de opostos.

VI) A Lei do Gênero: “O Gênero está em tudo: tudo tem seus princípios Masculino e Feminino, o gênero se manifesta em todos os planos da criação” (O Caibalion).

Segundo esta lei, os princípios da atração e da repulsão não existem sozinhos, um dependendo do outro. É como um polo positivo que não se cria sem um polo negativo.

VII) A Lei De Causa e Efeito: “Toda causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa, existem muitos planos de causalidade, mas nenhum escapa à Lei” (O Caibalion).

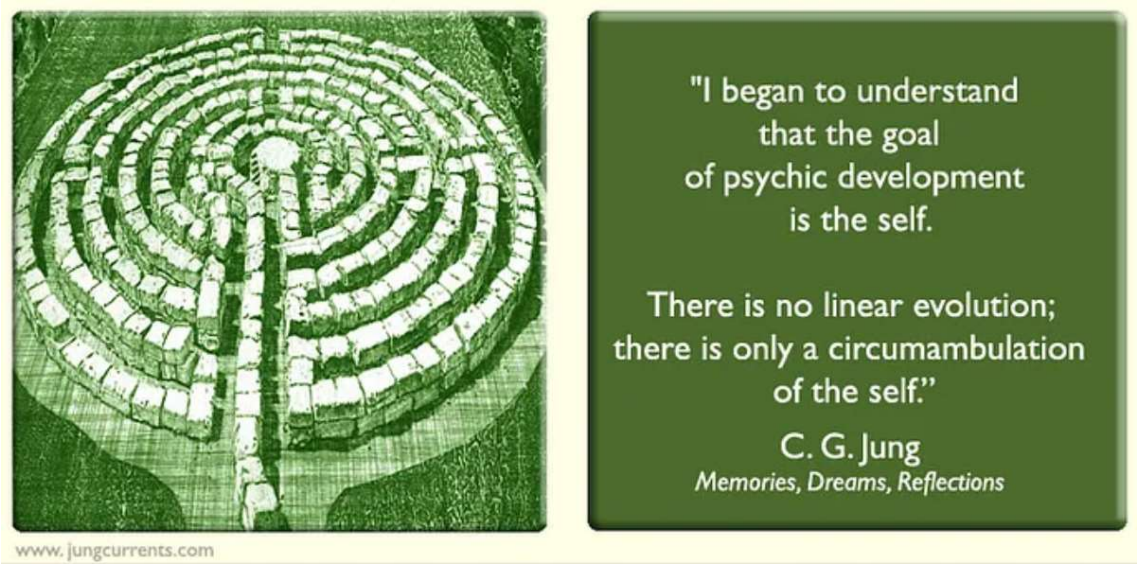
Segundo esta lei, o acaso não existe, portanto, nada acontece por acaso. Este seria apenas um termo dado para um fenômeno que existe, mas do qual nós não conhecemos a origem. Ou seja, chamamos de acaso aqueles fenômenos que não sabemos à qual lei se aplica.

Sempre há uma causa para todo efeito. Além disso, toda causa, por sua vez, acaba sendo o efeito de alguma outra causa. Isso significa que o Universo gira em função de escolhas feitas, ações tomadas, etc, que geram consequências, que seguem gerando novas consequências, ou efeitos.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermetismo

https://www.wemystic.com.br/leis-hermeticas/

4. Circumambulation



Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, foi o fundador da psicologia analítica. Além disso, Jung deixou um legado significativo nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura; e criou alguns dos mais conhecidos conceitos psicológicos, incluindo as ideias de arquétipo e de inconsciente coletivo, bem como a noção de sincronicidade.

Para Jung, a psyche compreende a totalidade dos processos psíquicos do ser humano; tanto aqueles conscientes, quanto os conteúdos inconscientes. A psyche busca pela manutenção do equilíbrio dinâmico entre qualidades opostas ao mesmo tempo em que trilha o seu próprio caminho de desenvolvimento – o processo de individuação, como denominado por Jung – ao longo da experiência de vida. Logo, a psyche é um sistema autoregulatório, assim como acontece com o corpo.

Na psicologia analítica, o ego é visto como o centro do campo da consciência do ser humano, que mantém a percepção de existência, bem como o senso contínuo de identidade pessoal. O ego está constantemente organizando nossos pensamentos, intuições, sentimentos e tem acesso também às nossas memórias não reprimidas. Logo, o ego é o intermediador da personalidade e está na inferface entre os mundos externo e interno que experienciamos.

O inconsciente pessoal é o produto das interações entre o inconsciente coletivo e o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida. Nas palavras de Jung: “Tudo aquilo que

eu sei, mas não estou pensando no momento; tudo aquilo que uma vez foi consciente, mas foi esquecido; tudo o que foi percebido pelos meus sentidos, mas não foi notado pela minha mente consciente; tudo o que, involuntariamente e sem prestar atenção nisso, eu senti, pensei, recordei, quis e fiz; todas as coisas futuras que estão tomando forma em mim e irão, em algum momento, vir à consciência; tudo isso faz parte do conteúdo de meu inconsciente pessoal. Se, além disso, eu puder incluir ainda todos os meus pensamentos e sentimentos dolorosos que foram intencionalmente reprimidos; então posso chamar o somatório de todos estes conteúdos como o meu inconsciente pessoal".

Os complexos são determinados não só por uma experiência significativa, mas também pela forma única com que cada ser humano reage a esta experiência. Um complexo está armazenado no campo inconsciente e tem a tendência de se apresentar independente e automaticamente, de forma que a pessoa pode perceber que o comportamento está fora de seu controle. Quem nunca passou por uma experiência da qual pôde dizer depois: "Eu não sei o que se passou comigo naquele momento"? Este senso de autonomia é talvez mais marcante em estados anormais de consciência, mas os complexos são elementos naturalmente presentes na psyche de cada um de nós.

Os complexos têm suas raízes no inconsciente coletivo e estão relacionados aos conteúdos arquetípicos. O problema para o indivíduo não está na existência dos complexos em si, mas no potencial que os complexos mais graves têm na fragmentação da capacidade autoregulatória da psyche. Nestes casos, a própria psyche deixa vir à tona complexos dissociados e material arquetípico para que o equilíbrio ou compensação se dê na vida consciente. Isso acontece quando o ego está sujeito a fazer escolhas inapropriadas ou muito tendenciosas; há uma discordância entre o mundo externo e mundo interno do ser; e o material que verte do inconsciente pode contribuir para a harmonização do indivíduo com si mesmo e possibilitar que este desenvolvimento aconteça. Este desenvolvimento tende a acontecer a partir de uma situação de conflito, que Jung acredita ser uma parte inevitável e criativa da natureza humana.

A teoria do inconsciente coletivo é uma das características mais distintas da psicologia Junguiana. Esta parte do pressuposto de que a personalidade toda está potencialmente presente desde o momento do nascimento, e que a personalidade não é só uma função do ambiente; sendo meramente um desenvolvimento do ser a partir deste potencial que sempre esteve lá. Assim, o papel do ambiente e da experiência humana está no desenvolvimento destes seus aspectos e potencialidades latentes dentro do individuo.

Os arquétipos são símbolos deste potencial que habita o inconsciente coletivo e que nos predispõem à vida e para trilhar a vida por certos caminhos, de acordo com padrões intrinsecamente arraigados a estes símbolos. Existem figuras arquetípicas, como por exemplo: a mãe, o pai, a criança. Existem eventos arquetípicos, como por exemplo: o nascimento, a morte, a separação. Existem também objetos arquetípicos: o sol, a lua, a

água, o fogo, o ar, a terra, a serpente, o dragão. E existem ainda arquétipos espirituais: o santo, o demônio, a virgem, o sábio, o louco.

Muito importante também é a persona, uma faceta da personalidade que vem a existir por razões de adaptação ou conveniência pessoal; ela é a máscara social que cada um de nós temos.

A sombra, que representa determinadas características que a pessoa não gosta, não aceita e não quer ver em si mesma. O ser humano vê essa sombra em outras pessoas com as quais se relaciona, como se estivesse olhando através de um espelho, quando na verdade a sombra está dentro de si mesmo.

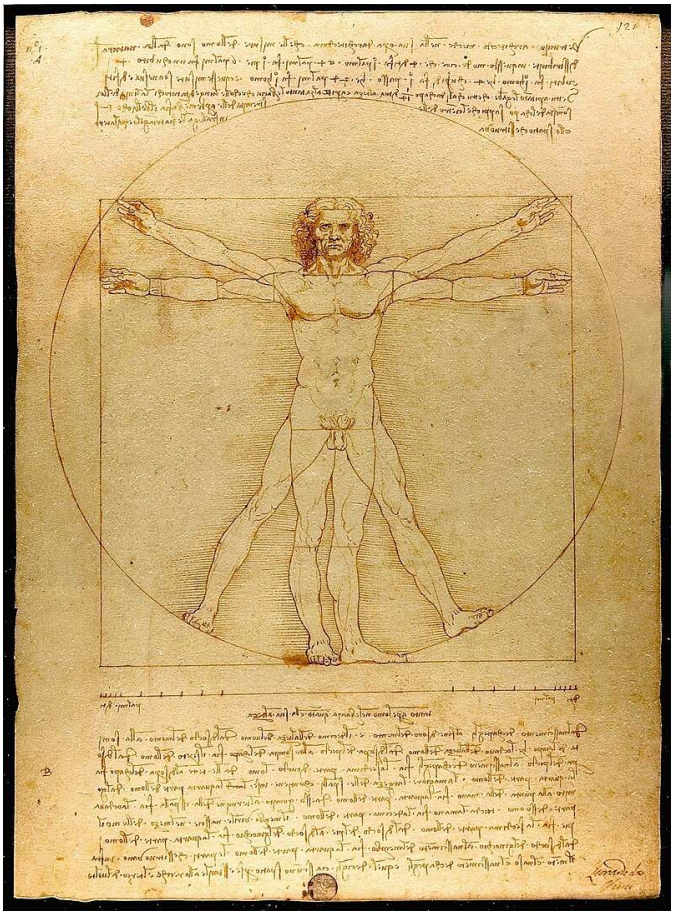
A anima, o feminino que existe no masculino; e o animus, o masculino que existe no feminino. Estes polos opostos, que existem no mundo interno de cada um de nós precisam se harmonizar e se reconciliar, realizando o que Jung denominou de coniunctio, para o seu desenvolvimento pessoal.

Para Jung, o self engloba a totalidade da psyche, incluindo todo o seu potencial. O self é o princípio organizador que age numa camada mais interna da personalidade, sendo aquele reponsável por trazer o melhor alinhamento possível do mundo externo com o mundo interno do ser em cada estágio de sua vida, dadas as circunstâncias possíveis. O self tem uma função estratégica, trazendo um olhar para o futuro, evoluindo em direção à integração e à completude do ser. A meta do self é a integração total do consciente com o inconsciente. Essa busca pela totalidade é o processo de individuação; sendo a individuação o máximo desenvolvimento do potencial humano; i.e., a realização de seu propósito único e individual.

Uma outra forma – bela e poética – de explicar pela psicologia junguiana o processo de individuação; a trajetória de desenvolvimento do ser humano ao longo de sua experiência de vida; é o que Jung denomina de circumambulation. A circumambulation é a dança em torno dos objetos sagrados. Estes objetos sagrados são os complexos e os arquétipos que estão dispostos ao longo de uma trajetória aproximadamente espiral, não tendo começo, nem fim – o processo de individuação tem um potencial infinito! Essa dança é não-linear com o tempo; assim como a experiência da vida. A integração dos conteúdos inconscientes – os complexos e os arquétipos – pelo nosso ego vai gradualmente nos aproximando do centro. E no centro reside o self. Sendo assim, a circumambulation, ou o processo de individuação, nada mais é que o alinhamento possível do mundo externo com o mundo interno do ser ao longo de sua experiência de vida. Um processo natural e simbólico, cujo objetivo é a realização do propósito único e individual de cada um de nós. Estamos em eterno movimento., como em uma dança.

https://www.thesap.org.uk/articles-on-jungian-psychology-2/carl-gustav-jung/jungs-model-psyche/

5. O corpo humano



Homem Vitruviano, Leonardo da Vinci, 1490, Lápis e tinta sobre papel, Gallerie dell'Accademia

Por isso tudo, explicado até agora, é muito mais difícil estarmos atentos ao inconsciente do que ao consciente. O inconsciente age mais como um mentor, ou anjo da guarda, que está sempre junto ao consciente, mas deixa que este último tome as decisões. No nosso quotidiano estamos fazendo escolhas a todo o momento.

Se eu vou até a copa, pode acontecer de eu ficar em dúvida se eu tomo uma xícara de café ou um copo d'água. E são em momentos como este que parece haver duas entidades pensantes dentro de minha cabeça – uma forma sutil de se aperceber as trocas entre consciente e inconsciente. Toda a escolha parte de um evento quântico, de uma dualidade, que provoca o colapso da nuvem de possibilidades num resultado específico.

Mas uma escolha tão irrelevante – entre uma xícara de café ou um copo d'água – será mesmo um evento quântico? Ou seja, será que esta simples escolha, pode desencadear implicações tão radicais no corpo humano? Afinal, do que é feito o ser humano?

O ser humano é composto por células. São inúmeros os tipos de células com ciclos de vida distintos. Apenas para ter uma ideia, começando pelo sangue: o corpo humano apresenta por volta de 2,4 milhões de glóbulos vermelhos; eles duram entre 100 e 120 dias. Os glóbulos brancos têm ciclos de vida entre 8 horas e 3 dias; e para combater uma infecção, o corpo humano é capaz de produzir entre 40 e 50 bilhões de glóbulos brancos. Já as plaquetas sanguíneas vivem de 5 até 9 dias. As células dos pulmões duram entre 2 e 3 semanas. As células do fígado, por sua vez, vivem em média 5 meses. As papilas gustativas da língua são substituídas a cada 10 dias. As células da pele têm o ciclo de vida de 2 até 4 semanas. Já as células ósseas do esqueleto humano são totalmente substituídas ao longo de 10 anos.

O cérebro humano apresenta em média 100 bilhões de células nervosas. Mas estas células nervosas, também aquelas dos olhos e as células do músculo do coração estão entre as quais permanecem as mesmas ao longo de toda a vida da pessoa. Além disso, o ser humano troca toda a água do seu corpo (que representa 70% de sua massa total) em intervalos de aproximadamente 25 dias. Agora, o mais impressionante é que, do montante total de células do corpo humano, habita nele uma quantidade dez vezes maior de células de bactérias. Estas bactérias se reproduzem por divisão celular e, uma vez que o número total delas permanece constante, podemos estimar que o ciclo médio de vida bacteriano é de 12 horas. Mas este é apenas um valor médio, pois a variedade de bactérias é muito diversificada, existindo algumas delas que podem viver por até milhões de anos.

Desses dois parágrafos anteriores, observa-se que o ser humano é a morada de um gigantesco e complexo microbioma. Além disso, fica claro que o homem está muito mais para um processo, um movimento, uma dança, um constante fluir, do que propriamente uma intrincada organização material (que é como geralmente nos imaginamos). E vendo o ser humano sob essa ótica; de uma gigantesca e complexa morada de bactérias, de fungos, de vírus e de células humanas propriamente ditas; fica claro como uma escolha aparentemente tão simples – entre uma xícara de café ou um copo d'água – desencadeará uma avalanche de desdobramentos distintos (quânticos) nesse nível de escala (microbiológico).

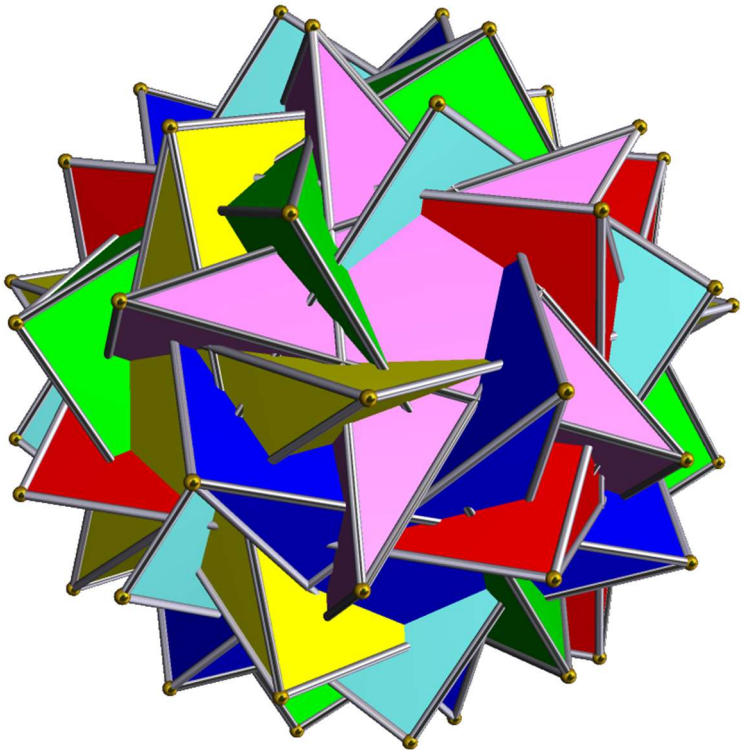
Assim como o Sol está para Mercúrio, Vênus, Terra, Lua, Marte... enfim, para todo o sistema solar – ele é o provedor de energia que nutre e estabiliza todo o sistema –, assim também o ser humano está para o seu microbioma.

Neste ponto, parece ficar claro qual o objetivo final da alquimia. Estas investigações de intrincados processos a partir dos quatro elementos básicos – a terra, o ar, a água e o

fogo tinham como propósito final chegar à essência do ser humano, bem como àquela do macrocosmo e do microcosmo que, por similaridade, são exatamente as mesmas. O almejado resultado do processo alquímico, a quinta essência, é a vida.

A vida, este milagre que é a contrapartida do que reza o estágio atual do conhecimento científico. Sim, contrapartida; porque enquanto a terceira lei da termodinâmica demonstra racionalmente que os processos químicos geram entropia, que o estado natural de um sistema, aquele de menor energia, é o caos; está aí a vida, entranhada em todos os níveis das criaturas – do macrocosmo ao microcosmo – demonstrando silenciosamente, como um soberano observador inconsciente: a força da vida é aquela capaz de sustentar o universo.

6. A analogia com a corporação



Prisma pentagrâmico. O pentagrama é conhecido também como o símbolo do infinito, pois é possível fazer outro pentagrama menor dentro do pentagrama maior, e assim sucessivamente. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pentagrama

Com um pouco de imaginação é possível traçar um paralelo do corpo humano com a corporação. E não é apenas um exercício de imaginação, trata-se de uma aplicação natural da Lei da Correspondência de Hermes Trismegistus: “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora” (O Caibalion).

Assim, numa corporação, os colaboradores são similares às células deste organismo vivo. Os colaboradores com o mesmo tipo de especialização se organizam em tecidos. As equipes dedicadas constituem os órgãos. Existem também nas corporações as demandas logísticas, que estão relacionadas às artérias e às veias. A comunicação que flui entre os diversos níveis da corporação teria, então, a sua correspondência com o sistema nervoso do corpo humano. O ritmo ditado pelas necessidades dos programas é similar àquele da pulsação do coração. E o cérebro tem o seu paralelo com a direção e o conselho administrativo, que toma as decisões estratégicas da corporação.

Em igual medida com todos os demais seres vivos, numa corporação saudável deve haver um propósito, o respeito pela diversidade e a harmonia entre os colaboradores. Todos devem se sentir participantes e integrados à visão, missão e valores; das funções mais humildes até aquelas de maior prestígio. Este alinhamento das células com o corpo é fundamental para o sucesso da corporação.

Ao contrário do caos (ou o desmantelamento do sistema para o seu estado de menor energia), a natureza mostra-nos que existe um sentido de orientação da vida que vai das criaturas mais simples para aquelas de complexidade e grau de consciência crescentes. A natureza demonstra também que o mecanismo predominante de relacionamento entre as criaturas é a simbiose; isto é, a mútua colaboração.

Talvez a mútua colaboração seja a pedra filosofal – ou chave – para desvelar o máximo potencial da corporação. Vale lembrar que a grafite e o diamante são duas fórmulas alotrópicas naturais do carbono, tendo como única diferença a forma geométrica em que os átomos de carbono estão ligados entre si!

Se isso não resolve de pronto os múltiplos desafios da corporação, ao menos aponta um caminho, indica um sentido natural a ser seguido. Conflitos desnecessários e a falta de recursos muitas vezes não passam de efeitos colaterais de processos ineficientes, um simples resultado (ou reação) para a forma como nos organizamos.

Mas o futuro se faz agora. Basta lembrarmo-nos de que fazemos escolhas conscientes a todo o instante. Toda a vez que escolhemos a colaboração para um propósito maior; em detrimento da competição, do egoísmo e de visão imediatista; certamente estaremos dando passos seguros em direção ao aprimoramento da corporação.

– com agradecimento especial ao meu amigo e colega engenheiro Régis Guimarães
pela sugestão da inclusão de um parágrafo sobre a pedra filosofal.